

Em resposta á solicitação com registo E/53445/2024, cumpre-nos informar que visitamos a árvore em questão no parque infantil, da Rua Araújo Carandá no passado dia 7 de agosto de 2024. Esta visita, prendeu-se com análise da vitalidade, avaliação da condição fitossanitária e da solidez biomecânica do exemplar arbóreo e consequente avaliação do potencial de risco de queda ou fratura. Aferimos através de avaliação visual, que o exemplar arbóreo em questão é um Cipreste (*Cupressus sp.*).

Localização:



Este exemplar arbóreo localiza-se no parque infantil (Figura 1). Em espaço ajardinado, com outros exemplares arbóreos de diversas espécies.

Figura 1 – Localização do exemplar arbóreo, no parque infantil, da Rua Araújo Carandá, Braga.

Metodologia de diagnóstico:

A análise e caracterização do exemplar arbóreo foi realizada tendo por base o Protocolo Internacional de VTA (Visual Tree Assessment). Este protocolo desenvolve-se em três etapas sucessivas:

1º Etapa – Inspeção Visual - Efetuamos uma observação cuidada e metódica da árvore para determinação do seu estado de vitalidade, deteção de sinais/sintomas de problemas fitossanitários, fisiológicos e/ou estruturais, bem como de eventuais sinais/sintomas de “defeitos” internos.

Nem sempre é possível detetar sinais/sintomas ao nível do sistema radicular.

Registamos fatores da envolvente da árvore, como a sua localização (relvado, caldeira etc) presença de equipamentos e infraestruturas.

Realizamos um registo fotográfico do exemplar avaliado, assim como dos sinais/sintomas potenciadores do risco de queda ou fratura.

2º Etapa - Caracterização dos “defeitos” detetados na etapa anterior - Descrevemos criteriosamente todos os sinais e/ou sintomas de “defeitos” recolhidos na etapa anterior. Relativamente a lesões detetadas, analisamos e registamos as características do bordo de compartimentação, exposição dos tecidos internos, dimensão da lesão, posição na árvore entre outros.

3º Etapa - Quantificação de “defeitos” internos - Quantificamos através de utilização de instrumentos especializados (ex. Resistógrafo IML) nas árvores que apresentavam sinais e/ou sintomas de potenciais “defeitos” internos, ao nível do colo/tronco. Temos como exemplo sinais e/ou sintomas da presença de corpos frutíferos, associados a podridões de lenho, lesões com podridão de lenho ou sugerindo a presença de cavidade interna, entre outros. O Resistógrafo deteta e quantifica “defeitos” internos a partir da medição da resistência que o lenho impõe à entrada de uma agulha com velocidades de perfuração e de rotação constantes definidas em função da espécie arbórea em questão.

Também utilizamos instrumentos dendrométricos (hipsómetro, suta e fita métrica).

Caraterização do exemplar:



Trata-se de um exemplar adulto de Cipreste (*Cupressus sp.*), de grande porte e vitalidade reduzida. Os dados dendrométricos deste exemplar são:

Dados dendrométricos:	
Altura (m)	16,40m
Altura base da copa (m)	4,00m
Diâmetro da copa (m)	13,30m
PAP (m)	2,20m
DAP (m)	0,70m

Quadro 1 - Dados dendrométricos do Cipreste (*Cupressus sp.*).

Figura 2 –Fotografia do Cipreste (*Cupressus sp.*).



Figura 3 –Fotografias da copa do Cipreste (*Cupressus sp.*).

No geral, observamos que este exemplar encontra-se com vitalidade reduzida, muitos ramos secos e folhas com coloração castanho-avermelhada, distribuindo-se por toda a copa com predominância na parte inferior desta (Figura 3). Também devemos referir que estes ramos secos apresentam reduzida flexibilidade á passagem do vento, e por consequência expõem um potencial de risco elevado de fratura a qualquer momento e por qualquer ponto.



Observamos algumas lesões na copa e ao longo do tronco, assim como algum fendilhamento longitudinal e aquando do destaque da casca, os tecidos internos apresentam uma coloração avermelhada (Figura 4). Estes sinais e sintomas são característicos do cancro cortical. A evolução da doença acabará por se alastrar a toda a copa, provocando a morte da árvore.

Considerando a realização da poda neste exemplar, esta operação iria descaraterizar a árvore, formaria lesões (feridas) de dimensão considerável, que contribuíam para a evolução da doença e não mitigaria a mesma.

Figura 4 –Fotografias da copa do Cipreste (*Cupressus sp.*).



Esta doença é de fácil propagação, (quando reunidas as condições de humidade e chuva), podendo comprometer alguns dos outros exemplares presentes, como tal recomendamos o seu abate.

Conclusão:

Presentemente, este exemplar arbóreo não reflete o normal esplendor de um exemplar adulto desta espécie.

Do exposto concluímos que este exemplar encontra-se comprometido, pois apresenta cancro cortical (problema fitossanitário) em que o agente causal tem facilidade de dispersão (quando reunidas as condições de humidade e chuva), podendo comprometer outras espécies suscetíveis presentes no Parque Infantil.

Constatamos a não existência de possibilidade de mitigação do risco de fratura ou queda por meio de ações de correção.

Esta árvore encontra-se num Parque Infantil na cidade de Braga, onde se verifica uma elevada frequência de utilização.

Tendo em conta o que explanamos, relacionado com o seu porte, a elevada frequência, recomendamos o **abate** de forma a mitigar o risco.

Como tal, aconselhamos o seu abate e substituição em época própria por outras espécies *Fagus sp.*, *Fraxinus sp.* entre outras.

Data:14/08/2024

A Técnica

Anabela da Silva Oliveira